

O escalão etário e o tempo de prática da modalidade como determinantes das atribuições causais no desporto: Um estudo efectuado no futebol

PAULO MALICO SOUSA (*)

ANTÓNIO ROSADO (*)

TÚLIA CABRITA (**)

INTRODUÇÃO

Imaginemos, por exemplo, no final de um jogo de futebol, as razões apontadas pelos vários agentes desportivos para o resultado verificado. O treinador vencedor evoca motivos relacionados com o esforço, o empenho e a qualidade do trabalho desenvolvido durante a semana como estando na origem do resultado obtido pela sua equipa; ao invés, o treinador derrotado aponta razões relacionadas com o trabalho do árbitro e as condições climatéricas para justificar a derrota do clube que representa; já o adepto da equipa vencida encontra justificação para o mau resultado no factor *azar* que bateu à porta da sua equipa, pois, em sua opinião, a bola que bateu na trave numa altura do encontro por si considerada como crucial, não permitiu que o desfecho final do jogo fosse diferente.

Estamos convictos que muitas mais explicações encontraríamos se, eventualmente, procurássemos

reproduzir a opinião de outros agentes desportivos (e.g., dirigentes, jogadores, público em geral) para os acontecimentos verificados. Provavelmente até, em última análise, poderíamos mesmo encontrar uma explicação diferente em cada sujeito questionado.

Assim, em termos gerais, poder-se-á dizer que na sociedade em que vivemos procuramos incessantemente explicações para o que nos sucede todos os dias em relação às mais variadas situações e contextos. Consequentemente, cada um de nós desenvolve uma forma única de analisar o seu meio envolvente, não surpreendendo por isso que, não raras vezes, façamos interpretações diferentes de um mesmo acontecimento vivenciado ou presenciado.

Estas inferências particulares são denominadas em psicologia social por *Atribuições*.

Uma vez encontradas as relações causais e as suas implicações, estaremos aptos a controlar melhor e mais facilmente o nosso meio, a predizer o comportamento do nosso interlocutor e a iniciarmos nós próprios qualquer acção.

Tal como salienta Kelley (1967), o conhecimento do processo de atribuição é muito importante do

(*) Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa. E-mail (do segundo autor): arosado@fmh.utl.pt

(**) Universidade Lusíada de Lisboa.

ponto de vista da epistemologia psicológica, porque coloca o problema da verdade subjectiva, isto é: “como somos levados a convencer-nos de que determinada coisa que pensamos é verdadeira?”. É claro que esta verdade subjectiva, esta impressão de infalibilidade, não está livre de erros.

Deste modo, como verificámos pelo exemplo meramente ilustrativo que criámos, as atribuições desempenham um papel nuclear nos nossos comportamentos, independentemente do contexto e da frequência com que ocorrem.

A atribuição é mesmo referenciada por Sousa (1996, p. 142) como “a fonte de inspiração e, nalguns casos, o fio condutor da abordagem da cognição social”.

Em suma, o processo atribucional e a linguagem que o envolve tornaram-se tão correntes em psicologia social que não podemos prescindir deles se quisermos entender o raciocínio causal que o Homem elabora no seu dia a dia.

Também no que concerne ao contexto desportivo, esta procura de explicações e de associações de causas aos acontecimentos é realizada a todo o momento, assumindo a sua resultante um papel fundamental na estruturação das convicções dos atletas acerca dos resultados alcançados. Por seu turno, estas convicções, produto de todo o processo perceptivo-cognitivo, irão condicionar o comportamento futuro dos atletas, através da elaboração de expectativas concordantes com a atribuição que efectuaram (Fonseca, 1996).

Assume-se, deste modo, que a forma como os atletas percebem e explicam os seus resultados apresenta uma relação com os seus comportamentos futuros, influenciando, conseqüentemente, as suas expectativas e motivação.

O modelo de Weiner (1979, 1986), de todas as teorias relacionadas com a atribuição, tem sido mesmo o mais utilizado pelos investigadores no que concerne ao contexto desportivo (a este propósito ver: Guallar, Balaguer & Garcia-Merita, 1993, para uma revisão das bases teóricas utilizadas na investigação das atribuições em contexto desportivo; Biddle, 1993; Biddle & Hanrahan, 1998; Biddle, Hanrahan & Sellars, 2001).

A teoria apresentada por este autor sobre a produção de atribuições causais para explicar os resultados e suas conseqüências, propõe num primeiro momento (Weiner, 1972) uma taxonomia atribucional envolvendo duas dimensões: a estabilidade com que o efeito varia ao longo do tempo (estável vs. instável) e o locus de causalidade (causa interna

ao individuo ou que se relaciona com o próprio versus factores externos).

Mais tarde, Weiner (1979) com o objectivo de aperfeiçoar o seu modelo inicial, incorpora uma terceira dimensão na explicação do raciocínio causal: o grau de controlabilidade do efeito. Assim, uma causa é (in)controlável quando é passível de ser modificada por alguém (o próprio ou outro) estando, deste modo intimamente ligada a aspectos de natureza comportamental.

De salientar ainda que, posteriormente, McAuley, Duncan e Russel (1992) propuseram a divisão da dimensão de controlabilidade em dois factores distintos, apesar de relacionados: o controlo pessoal e o controlo externo. O controlo pessoal refere-se à possibilidade do sujeito influenciar a causa em análise, ao passo que o controlo externo remete para a possível influência que outras pessoas exercem nessa mesma causa.

Um dado particularmente importante na abordagem atribucional de Weiner (1979, 1986) assenta no facto da sua teoria poder constituir-se como um privilegiado quadro de referência para a análise da percepção de causalidade em contextos de realização, já que a assimetria deste modelo para situações de sucesso e fracasso permite a sua aplicabilidade nos mais variados domínios. Weiner (1979, 1986) salienta o impacto emocional e cognitivo diferenciado que poderá causar no sujeito um resultado positivo ou negativo, afirmando que resultados positivos produzem emoções relacionadas com felicidade e resultados negativos geram emoções de frustração e tristeza. Os estudos realizados utilizando este modelo (e.g., Fonseca, 1993a,b; Ventura & Sousa, 2003) confirmam que as atribuições para situações de sucesso tendem a ser internas, estáveis e controláveis, ao passo que para situações de insucesso são associadas causas mais externas, instáveis e passíveis de controlo externo.

Em suma, o aspecto nuclear da teoria de Weiner (1979, 1986) centra-se na ideia de que os individuos organizam o seu pensamento atribucional em torno das dimensões de locus de causalidade, estabilidade e controlabilidade, tanto em contextos por si próprios considerados como positivos como, fundamentalmente, depois de experienciarem resultados negativos ou inesperados, pois nestas situações a procura de razões que justifiquem o resultado assume um carácter prioritário.

De resto, a quantidade de autores que têm utilizado o modelo de Weiner (1979, 1986) como suporte

teórico dos seus estudos traduz uma evidência crescente da importância da sua abordagem na investigação atribucional. A teoria de Weiner tem sido aplicada numa considerável diversidade de contextos de realização, desde o académico (e.g., Faria, 1996) passando, por exemplo, pelo clínico (e.g., Fosterling, 1988), pela selecção de pessoal (e.g., Sousa, Cunha & Ribeiro, 1992) ou pelas relações sociais (e.g., Sousa, 1987), até ao âmbito desportivo (e.g., Fonseca, 1993a,b, 1995; Lau & Russell, 1980; Orbach, Singer & Murphey, 1997; Si, Rethorst & Willimczik, 1993; Ventura & Sousa, 2003).

Ainda assim, em estudos posteriores, Fonseca (1999) e Fonseca e Brito (2001) salientaram que tal constatação não impede que seja recomendada a realização de mais estudos no sentido de tornar o modelo de Weiner mais útil para a compreensão dos comportamentos evidenciados pelos praticantes desportivos.

Por outro lado, a possibilidade da idade constituir uma variável mediadora das atribuições que os sujeitos efectuam ao longo da vida não é um dado adquirido.

De facto, de acordo com Fonseca (1993b, p. 48) muitos dos estudos sobre percepção de causalidade em contextos de realização “limitaram-se a analisar as atribuições de variadas idades sem dedicarem especial interesse aos estádios evolutivos dos indivíduos ou a comparações entre grupos de indivíduos com idades diferentes”.

Contudo, apesar da escassez de estudos realizados nesta área e da inconsistência dos respectivos dados, alguns autores referiram a existência de uma correlação positiva entre a idade e a utilização de causas instáveis na explicação dos resultados alcançados, principalmente em situações de fracasso (a este propósito ver Fonseca, 1993b).

Em Portugal, Faria (1996) efectuou uma investigação em contexto académico baseando-se no modelo tridimensional de Weiner (1979), tendo verificado que as gerações mais novas de alunos faziam atribuições dos seus sucessos e insucessos a factores mais internos, estáveis e passíveis de controlo pessoal do que os seus colegas mais velhos.

Do mesmo modo, também os resultados de um estudo de Fonseca (1993b) em contexto desportivo evidenciaram esta tendência, com os atletas mais novos a responsabilizarem-se mais pelas causas dos seus resultados, fazendo, igualmente, atribuições mais estáveis e passíveis do seu próprio controlo.

Ao contrário das indicações anteriores, numa

investigação levada a cabo por Ventura e Sousa (2003) pretendendo comparar grupos de atletas de diferentes idades, foi encontrada apenas uma única diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos, com os atletas mais novos (17 a 27 anos) a classificarem dimensionalmente as causas dos seus melhores resultados de forma mais instável que os seus colegas pertencentes ao grupo dos mais velhos (28 a 38 anos).

Desta forma, as interpretações que os indivíduos de diferentes idades elaboram acerca dos seus resultados, embora ainda pouco exploradas, parecem também assumir-se como um critério relevante na percepção de causalidade em contextos de realização.

Assim, perante o exposto anteriormente, os objectivos gerais deste estudo consistem em caracterizar o papel das atribuições causais elaboradas em contexto desportivo, mais especificamente na modalidade de futebol.

Concretamente, nesta investigação empírica procura-se determinar as atribuições efectuadas por futebolistas, para explicarem as causas dos seus resultados em função do escalão etário em que competem e do seu tempo de prática desportiva enquanto atletas federados.

Para o efeito foi formulada a hipótese dos futebolistas juniores caracterizarem as causas dos seus melhor e pior resultados desportivos de sempre de forma mais interna, instável e passível de controlo pessoal do que os seus colegas seniores. Em decorrência da anterior, supomos, também, que à medida que aumenta o tempo de prática da modalidade, os jogadores tendem a caracterizar as causas dos seus resultados como menos internas, estáveis e menos passíveis de controlo pessoal, tanto em situações de sucesso como de insucesso desportivo.

MATERIAL E MÉTODOS

Modelo de estudo

No que se refere ao objectivo, o estudo é de natureza explicativa, do tipo causal-comparativo, já que se pretende determinar a influência dos escalões etários e do tempo de prática desportiva na atribuição de causalidade efectuada pelos atletas.

Fundamentalmente, pretende-se comparar médias entre grupos pré-definidos, assumindo o trabalho

um cariz comparativo, onde se considera que as variáveis independentes são predictoras e, consequentemente, determinantes das dependentes.

Sujeitos

Participaram neste estudo 192 atletas masculinos, de nacionalidade portuguesa, que competiram em vários níveis (II Divisão, III Divisão e I Divisão Distrital) e escalões competitivos (juniores e seniores) federados do futebol português.

As idades dos inquiridos estão compreendidas entre 16 e 36 anos ($M=22.50$; $DP=5.29$).

Variáveis em estudo

Foram utilizadas como variáveis independentes, ou explicativas, os dois escalões competitivos (juniores; seniores) e três níveis de tempo de prática desportiva (≤ 5 anos; 6 a 10 anos; ≥ 11 anos) onde os futebolistas ficaram inseridos. Por outro lado, como variáveis dependentes consideraram-se as dimensões referentes ao *locus de causalidade*, nível de *estabilidade* e grau de *controlabilidade* do modelo atribucional tridimensional da motivação e emoção de Weiner (1979, 1986).

Foram, também, utilizadas neste estudo variáveis dependentes relativas à avaliação dos jogos (tempo decorrido; nitidez de recordação; percepção de importância e dificuldade do jogo) e caracterização dos resultados (probabilidade de ocorrência; classificação e satisfação provocada pelo resultado obtido), no entanto, as referidas variáveis são utilizadas no trabalho a título meramente descritivo, permitindo, assim, uma comparação com a tendência de respostas elaboradas pelos atletas nas dimensões causais do modelo de Weiner (1979, 1986).

Nessa medida, e embora não constituindo dimensões causais, a recolha de informação acessória decorrente da caracterização destas variáveis proporciona-nos um melhor conhecimento da dinâmica dos resultados, facultando, ao mesmo tempo, a avaliação da sua relevância diferencial no ponto referente à discussão dos mesmos.

Instrumentos

Foi administrado a todos os futebolistas um questionário constituído por duas secções.

A primeira parte inclui uma secção introdutória destinada à recolha de dados relativos à idade,

habilitações literárias, nível competitivo, tempo de prática da modalidade e clube representado pelo atleta.

A segunda parte do questionário foi preenchida tendo como referência duas realidades diametralmente opostas. Na primeira fase, os atletas recordaram o jogo em que alcançaram o seu melhor resultado de sempre, respondendo de seguida a diversas questões de forma a caracterizarem não só o jogo e o resultado obtido como também as causas subjacentes a esse mesmo resultado. Numa segunda fase, os indivíduos responderam a um conjunto de perguntas idênticas mas em que a referência passou a ser a competição em que atingiram o seu pior resultado de sempre. O critério de escolha do melhor e pior resultado de sempre, bem como a indicação e classificação das causas nas dimensões correspondentes foram da exclusiva responsabilidade dos atletas, não se incorrendo assim no que Russell (1982) denominou de “erro fundamental do investigador de atribuição” que consiste no facto de serem os investigadores a caracterizarem dimensionalmente as causas indicadas pelos respondentes.

Deste modo, foram formuladas questões relativas aos jogos (tempo decorrido da sua realização, nitidez de recordação, percepção da sua importância e grau de dificuldade) e aos resultados (probabilidade da sua ocorrência, classificação e satisfação provocada) recordados pelos atletas. Todas estas questões são respondidas em escalas bipolares de Likert de 9 pontos (de 1 = nenhum ou péssimo a 9 = muitíssimo ou ótimo).

Na avaliação das atribuições causais, foi utilizada uma versão traduzida e adaptada para a população portuguesa por Fonseca (1993b) da Causal Dimension Scalle II (CDSII: Mc Auley, Duncan & Russell, 1992). A CDSII é uma escala que permite aos inquiridos indicarem a causa que consideram ter estado na origem da ocorrência de um determinado resultado, sendo caracterizada ao longo de quatro dimensões: *locus de causalidade*, *estabilidade*, *controlo pessoal* e *controlo externo*. A cada dimensão correspondem três itens, respondíveis numa escala bipolar de Likert de 9 pontos.

Os valores de cada dimensão poderão, portanto, variar entre 3 (mínimo) e 27 (máximo), correspondendo os valores mais elevados a auto-percepções de maior internalidade, estabilidade e passibilidade de controlo pessoal e externo das causas consideradas.

Para efeitos deste estudo foram tidos em conta os resultados de trabalhos anteriores de validação e

análise das características psicométricas da adaptação portuguesa da CDSII, que confirmam as qualidades desta escala (ver Fonseca & Maia, 1994, 1995, para uma revisão detalhada da tradução e adaptação deste instrumento). Estes autores encontraram um valor médio de consistência interna para a globalidade da escala de $\alpha = .715$. No nosso estudo os dados apontam para $\alpha = .0745$, o que confirma valores aceitáveis de fidelidade no que se refere à avaliação psicométrica da escala.

Procedimentos

Os questionários foram distribuídos individualmente junto dos atletas, antes de uma sessão de treino.

A sua aplicação foi colectiva, nas instalações dos respectivos clubes, sendo a recolha efectuada pelo investigador.

No que concerne à análise e tratamento estatístico, utilizou-se uma estatística paramétrica, tendo sido efectuadas Análises de Variância Multivariada (MANOVA) sobre os resultados factoriais de cada uma das dimensões em estudo.

Considerou-se uma probabilidade de erro de $p \leq 0,05$, tendo-se recorrido, para o efeito, ao pro-

grama “Statistical Package for Social Sciences – SPSS –Windows”.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Factor de análise: escalões etários

Para se analisar os resultados em função do escalão etário procedeu-se à divisão da amostra em dois grupos: o primeiro (escalão júnior) foi constituído por atletas com idades compreendidas entre 16 e 18 anos, ao passo que o segundo grupo (escalão sénior) compreende atletas cuja idade varia no intervalo de 19 a 36 anos.

O teste multivariado de Wilks’Lambda evidenciou diferenças significativas globais ($\Lambda = .340$, $p = .000$) que foram, depois, exploradas grupo a grupo.

Em termos da caracterização do jogo, as diferenças encontradas entre os atletas dos escalões etários em estudo, quando comparadas as suas opiniões em relação à avaliação dos jogos em que obtiveram os seus resultados mais significativos de sempre, encontram evidência na Tabela 1.

TABELA 1

Avaliação do jogo (tempo decorrido, nitidez de recordação, importância e dificuldade) em que ocorreu o resultado recordado: Médias e desvios-padrão das respostas dadas pelos atletas, em função do escalão etário e do tipo de resultado

| Avaliação do Jogo (N=192) | Tipo de Resultado | Escalão Etário | | | | Sig. |
|------------------------------------|-------------------|----------------|------|----------------|------|-------|
| | | Júnior (N=67) | | Sénior (N=125) | | |
| | | M | DP | M | DP | |
| Tempo decorrido ^A | Sucesso | 2.24 | 1.47 | 5.12 | 3.63 | .000* |
| | Insucesso | 2.57 | 2.11 | 4.78 | 3.37 | .000* |
| Nitidez de recordação ^B | Sucesso | 7.52 | 1.69 | 7.93 | 1.10 | .046* |
| | Insucesso | 6.99 | 2.16 | 7.06 | 1.94 | .817 |
| Importância do jogo ^B | Sucesso | 7.43 | 1.66 | 8.08 | 1.27 | .003* |
| | Insucesso | 6.64 | 1.96 | 7.42 | 1.77 | .006* |
| Dificuldade do jogo ^B | Sucesso | 7.13 | 1.70 | 7.48 | 1.56 | .158 |
| | Insucesso | 6.13 | 2.09 | 6.35 | 2.04 | .485 |

A = valores indicados em anos; B = valores compreendidos entre 1 e 9 (valores mais elevados indicam maior nitidez, importância e dificuldade do jogo).
* = diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p \leq .05$).

Salientam-se algumas diferenças entre os atletas dos dois grupos quando analisadas as suas opiniões acerca da forma como caracterizam os jogos recordados como mais significativos das suas carreiras.

Desde logo, no que respeita aos resultados positivos, as diferenças manifestam-se não só em relação ao tempo decorrido ($F(1,190) = 38.795, p = .000$) como, fundamentalmente, no que concerne à nitidez de recordação ($F(1,190) = 4.021, p = .046$) e importância do jogo ($F(1,190) = 9.048, p = .003$), com os atletas do escalão sénior a atribuírem valores significativamente mais elevados a estes dois parâmetros comparativamente com os seus colegas juniores.

Também nos resultados negativos se manifesta a mesma tendência, isto é, não só o tempo decorrido sobre o jogo em que obtiveram insucesso assume valores significativamente diferentes ($F(1,190) = 23.964, p = .000$) como, principalmente, a importância que é dada ao resultado negativo pelos jogadores mais velhos é significativamente maior ($F(1,190) = 7.717, p = .006$) se comparada com o mesmo factor de análise no grupo dos mais jovens.

Na dimensão referente à dificuldade do jogo, embora a tendência de respostas entre os grupos se mantenha inalterável, os resultados não eviden-

ciaram diferenças suficientes para se considerar que houve heterogeneidade entre as respostas dos dois grupos neste parâmetro de análise.

Na Tabela 2 apresentam-se os valores correspondentes ao modo como os futebolistas dos diferentes escalões etários caracterizaram os resultados obtidos.

Na avaliação do seu melhor resultado de sempre, os atletas do escalão etário sénior foram unânimes ao atribuírem valores significativamente mais elevados que os atletas juniores, quer à sua probabilidade de ocorrência ($F(1,190) = 4.686, p = .032$), quer ainda à classificação ($F(1,190) = 9.239, p = .003$) e satisfação provocada ($F(1,190) = 7.792, p = .006$) pela obtenção desse sucesso.

Ao invés, quando nos reportamos aos insucessos, e embora se mantenha um padrão semelhante de respostas (excepção feita ao parâmetro referente à probabilidade de ocorrência), as diferenças encontradas entre os dois grupos em estudo não atingiram significado estatístico.

Relativamente à forma como os atletas de ambos os grupos avaliaram, ao longo das diferentes dimensões, as causas dos seus melhor e pior resultados de sempre (Tabela 3) verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas na quase totalidade das dimensões avaliadas.

TABELA 2

Avaliação do resultado obtido (probabilidade de ocorrência, classificação e satisfação provocada): Médias e desvios-padrão das respostas dadas pelos atletas, em função do escalão etário e do tipo de resultado

| Avaliação do Resultado (N=192) | Tipo de Resultado | Escalão Etário | | | | Sig. |
|--|-------------------|----------------|------|----------------|------|-------|
| | | Júnior (N=67) | | Sénior (N=125) | | |
| | | M | DP | M | DP | |
| Probabilidade de ocorrência ^A | Sucesso | 4.87 | 1.66 | 5.49 | 2.01 | .032* |
| | Insucesso | 4.22 | 2.31 | 4.10 | 2.17 | .704 |
| Classificação ^A | Sucesso | 7.64 | 1.81 | 8.32 | 1.25 | .003* |
| | Insucesso | 1.54 | 1.12 | 1.94 | 1.69 | .085 |
| Satisfação provocada ^A | Sucesso | 8.09 | 1.81 | 8.64 | .93 | .006* |
| | Insucesso | 1.21 | .77 | 1.42 | 1.21 | .190 |

A = valores compreendidos entre 1 e 9 (valores mais elevados indicam maior probabilidade de ocorrência, classificação e satisfação provocada).
* = diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p \leq .05$).

TABELA 3

Avaliação das causas (no que concerne às dimensões locus de causalidade, estabilidade e passibilidade de controlo pessoal e externo) indicadas como fundamentais para a obtenção do resultado recordado: Médias e desvios-padrão das respostas dadas pelos atletas, em função do escalão etário e do tipo de resultado

| Avaliação das Causas (N=192) | Tipo de Resultado | Escalão Etário | | | | Sig. |
|-----------------------------------|-------------------|----------------|------|----------------|------|-------|
| | | Júnior (N=67) | | Sénior (N=125) | | |
| | | M | DP | M | DP | |
| Locus de causalidade ^A | Sucesso | 20.40 | 4.45 | 22.05 | 3.54 | .005* |
| | Insucesso | 15.97 | 5.55 | 18.20 | 5.19 | .006* |
| Estabilidade ^A | Sucesso | 13.31 | 4.91 | 15.11 | 5.11 | .020* |
| | Insucesso | 11.07 | 6.30 | 10.55 | 5.80 | .565 |
| Controlo pessoal ^A | Sucesso | 19.35 | 5.42 | 21.49 | 3.86 | .002* |
| | Insucesso | 13.82 | 6.36 | 14.20 | 6.93 | .705 |
| Controlo externo ^A | Sucesso | 14.53 | 5.87 | 11.20 | 5.13 | .000* |
| | Insucesso | 18.65 | 5.96 | 15.66 | 6.29 | .002* |

A = valores compreendidos entre 3 e 27 (valores mais elevados indicam percepção de maior internalidade, estabilidade e passibilidade de controlo pessoal e externo).

* = diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p \leq .05$).

Como se constata, são evidentes as diferenças encontradas no modo como os jogadores avaliaram as causas subjacentes aos resultados obtidos.

Concretamente, no que se refere aos resultados positivos, encontram-se mesmo diferenças significativas em todas as dimensões estudadas.

Senão vejamos: tanto na dimensão de locus de causalidade ($F(1,190) = 7.889$, $p = .005$), como nas dimensões referentes à estabilidade ($F(1,190) = 5.545$, $p = .020$) e controlo pessoal ($F(1,190) = 9.971$, $p = .002$) os futebolistas seniores associaram valores significativamente mais elevados quando comparadas as suas respostas com as do grupo de jogadores juniores.

Da mesma forma, ainda relacionado com os resultados de sucesso, o mesmo grupo de atletas classificou de forma significativamente menos elevada que o do escalão etário mais baixo a dimensão relativa ao controlo externo ($F(1,190) = 16.648$, $p = .000$).

Já no que concerne à forma como os dois grupos em estudo classificaram dimensionalmente as causas referentes aos insucessos, foram apenas encontradas diferenças estatisticamente significativas nos parâmetros referentes ao locus de causalidade ($F(1,190) = 7.702$, $p = .006$) e controlo externo ($F(1,190) = 10.217$,

$p = .002$), desta feita com os atletas mais jovens a associarem valores menos internos e mais passíveis de controlo externo que os seus colegas do escalão etário superior.

Factor de análise: tempo de prática desportiva federada

Para analisarmos os resultados em função do tempo de prática da modalidade, procedemos à divisão da amostra em três grupos: o primeiro, que designámos por grupo Baixo (B), compreende atletas cujo tempo de prática federada na modalidade de futebol varia no intervalo entre 1 a 5 anos; o segundo grupo designado por Médio (M), inclui atletas que praticam a modalidade no intervalo fechado entre 6 e 10 anos; finalmente, um terceiro grupo, a que chamamos Elevado (E), compreende futebolistas com uma prática federada mínima de 11 anos.

Mais uma vez, a prova de Wilks' Lambda evidenciou diferenças significativas globais ($\Lambda = .297$, $p = .000$) que foram, depois, exploradas grupo a grupo.

Os valores correspondentes ao modo como os jogadores avaliaram os jogos em que obtiveram

TABELA 4

Avaliação do jogo (tempo decorrido, nitidez de recordação, importância e dificuldade) em que ocorreu o resultado recordado: Médias e desvios-padrão das respostas dadas pelos atletas, em função do tempo de prática da modalidade e do tipo de resultado

| Avaliação do Jogo (N=192) | Tipo de Resultado | Tempo de Prática | | | | | | Sig. |
|------------------------------------|-------------------|------------------|------|----------------|------|----------------|------|-------|
| | | Grupo B (N=29) | | Grupo M (N=71) | | Grupo E (N=92) | | |
| | | M | DP | M | DP | M | DP | |
| Tempo decorrido ^A | Sucesso | 1.69 | .93 | 3.35 | 2.22 | 5.47 | 3.90 | .000* |
| | Insucesso | 1.38 | .86 | 3.92 | 2.32 | 4.91 | 3.69 | .000* |
| Nitidez de recordação ^B | Sucesso | 7.66 | 1.80 | 7.66 | 1.45 | 7.92 | 1.07 | .400 |
| | Insucesso | 7.34 | 2.07 | 6.72 | 2.12 | 7.17 | 1.90 | .238 |
| Importância do jogo ^B | Sucesso | 7.52 | 1.64 | 7.79 | 1.48 | 8.01 | 1.35 | .250 |
| | Insucesso | 6.38 | 2.26 | 6.99 | 1.83 | 7.51 | 1.69 | .011* |
| Dificuldade do jogo ^B | Sucesso | 6.93 | 2.03 | 7.32 | 1.63 | 7.52 | 1.44 | .224 |
| | Insucesso | 5.83 | 2.04 | 6.37 | 2.22 | 6.35 | 1.92 | .444 |

A = valores indicados em anos; B = valores compreendidos entre 1 e 9 (valores mais elevados indicam maior nitidez, importância e dificuldade do jogo).
* = diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p \leq .05$).

os seus resultados mais significativos de sempre são apresentados na Tabela 4.

Tendo em conta que o factor de análise estudado é o tempo de prática da modalidade seria de esperar, como veio a verificar-se, que existissem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no que concerne ao tempo decorrido sobre os acontecimentos recordados, tanto para as situações de sucesso ($F(2,189) = 20.467$, $p = .000$) como no caso dos insucessos desportivos ($F(2,189) = 15.947$, $p = .000$).

No que respeita aos resultados positivos, as diferenças de médias (dif.) manifestam-se mesmo na totalidade dos pares estudados, isto é, entre os grupos B e M (dif. = -1.66, $p = .036$), M e E (dif. = -2.12, $p = .000$) e, finalmente, quando comparados directamente os grupos menos experiente (B) e mais experiente (E) (dif. = -3.78, $p = .000$).

Já no que diz respeito aos resultados negativos, e ainda na dimensão referente ao tempo decorrido sobre a competição recordada, apenas se verificou significância estatística em dois dos pares estudados: quando comparados os grupos B e M (dif. = -2.54, $p = .000$) e os grupos B e E (dif. = -3.53, $p = .000$).

De referir, ainda, que se encontraram diferenças significativas, para os resultados negativos, entre os grupos com menor (B) e maior (E) tempo de

prática federada no que concerne à importância atribuída ao jogo em que obtiveram o resultado recordado (dif. = -1.13, $p = .011$).

Nas restantes dimensões avaliadas verificou-se homogeneidade entre os grupos estudados.

Na Tabela 5 apresentam-se os valores correspondentes ao modo como os futebolistas caracterizaram os resultados obtidos.

Em relação à avaliação do resultado obtido, na vertente referente aos insucessos desportivos, os atletas dos diferentes grupos assumiram um padrão semelhante de respostas não se encontrando nenhuma diferença significativa nos três parâmetros avaliados.

Já no que concerne aos sucessos, verificaram-se diferenças significativas globais entre os grupos em duas das dimensões avaliadas: Classificação ($F(2,189) = 4.368$, $p = .014$) e satisfação provocada pela obtenção do resultado ($F(2,189) = 3.073$, $p = .049$).

Na classificação do resultado verificou-se heterogeneidade apenas quando comparados os grupos com menor (B) e maior (E) tempo de prática desportiva federada (dif. = -.89, $p = .014$).

Na satisfação provocada pela obtenção do resultado, apesar de se encontrarem diferenças significativas globais (embora próximas do limite de significância estatística: $p = .049$), quando analisados os pares de grupos essas mesmas diferenças não se revelaram

TABELA 5

Avaliação do resultado obtido (probabilidade de ocorrência, classificação e satisfação provocada); Médias e desvios-padrão das respostas dadas pelos futebolistas, em função do tempo de prática da modalidade e do tipo de resultado

| Avaliação do Resultado (N=192) | Tipo de Resultado | Tempo de Prática | | | | | | Sig. |
|--|-------------------|------------------|------|----------------|------|----------------|------|-------|
| | | Grupo B (N=29) | | Grupo M (N=71) | | Grupo E (N=92) | | |
| | | M | DP | M | DP | M | DP | |
| Probabilidade de ocorrência ^A | Sucesso | 4.66 | 1.63 | 5.24 | 1.89 | 5.49 | 2.00 | .122 |
| | Insucesso | 3.90 | 1.90 | 4.20 | 2.58 | 4.17 | 2.01 | .813 |
| Classificação ^A | Sucesso | 7.48 | 1.62 | 7.96 | 1.69 | 8.37 | 1.25 | .014* |
| | Insucesso | 1.66 | .94 | 1.80 | 1.47 | 1.84 | 1.72 | .856 |
| Satisfação provocada ^A | Sucesso | 8.10 | 1.54 | 8.28 | 1.62 | 8.68 | .90 | .049* |
| | Insucesso | 1.07 | .26 | 1.41 | .98 | 1.39 | 1.29 | .319 |

A = valores compreendidos entre 1 e 9 (valores mais elevados indicam maior probabilidade de ocorrência, classificação e satisfação provocada).

* = diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p \leq .05$).

TABELA 6

Avaliação das causas (no que concerne às dimensões de locus de causalidade, estabilidade e passibilidade de controlo pessoal e externo) indicadas como fundamentais para a obtenção do resultado recordado; Médias e desvios-padrão das respostas dadas pelos atletas, em função do tempo de prática da modalidade e do tipo de resultado

| Avaliação das Causas (N=192) | Tipo de Resultado | Tempo de Prática | | | | | | Sig. |
|-----------------------------------|-------------------|------------------|------|----------------|------|----------------|------|-------|
| | | Grupo B (N=29) | | Grupo M (N=71) | | Grupo E (N=92) | | |
| | | M | DP | M | DP | M | DP | |
| Locus de causalidade ^A | Sucesso | 19.75 | 5.01 | 21.26 | 3.93 | 22.18 | 3.41 | .013* |
| | Insucesso | 14.65 | 5.21 | 17.36 | 5.29 | 18.34 | 5.32 | .005* |
| Estabilidade ^A | Sucesso | 13.20 | 4.82 | 14.42 | 5.19 | 14.93 | 5.10 | .282 |
| | Insucesso | 10.13 | 6.20 | 11.09 | 6.21 | 10.64 | 5.75 | .752 |
| Controlo pessoal ^A | Sucesso | 18.65 | 5.78 | 20.29 | 4.87 | 21.76 | 3.57 | .003* |
| | Insucesso | 13.68 | 5.97 | 13.36 | 6.95 | 14.73 | 6.77 | .413 |
| Controlo externo ^A | Sucesso | 14.55 | 5.84 | 13.29 | 5.65 | 10.95 | 5.19 | .002* |
| | Insucesso | 17.62 | 5.13 | 17.98 | 6.19 | 15.43 | 6.58 | .026* |

A = valores compreendidos entre 3 e 27 (valores mais elevados indicam percepção de maior internalidade, estabilidade e passibilidade de controlo pessoal e externo).

* = diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p \leq .05$).

suficientes para serem consideradas estatisticamente significativas, pelo que optamos por considerar, tendo em conta os dados disponíveis, que existe homogeneidade entre os três grupos na dimensão estudada.

No que diz respeito à forma como os jogadores classificaram dimensionalmente, no factor de análise referente ao tempo de prática da modalidade, as causas subjacentes aos seus resultados mais significativos de sempre, a Tabela 6 sintetiza as diferenças encontradas.

Através da análise da Tabela 6, verificámos que foram numerosas as diferenças entre a caracterização que os atletas com diferentes tempos de prática federada efectuaram das causas que indicaram como tendo estado na origem dos seus resultados.

De um modo global, verificaram-se diferenças significativas entre os grupos nas dimensões de sucesso referentes ao locus de causalidade ($F(2,189) = 4.463, p = .013$), controlo pessoal ($F(2,189) = 5.926, p = .003$) e controlo externo ($F(2,189) = 6.403, p = .002$), bem como nos resultados de insucesso referentes às dimensões de locus de causalidade ($F(2,189) = 5.362, p = .005$) e controlo externo ($F(2,189) = 3.711, p = .026$).

Especificamente, quando comparados os grupos dois a dois constatamos que em relação às diferentes dimensões, nas situações de sucesso, o grupo de atletas menos experiente (B) classifica os resultados de forma significativamente menos interna (dif. = -2.4262, $p = .009$), menos passível de controlo pessoal (dif. = -3.1057, $p = .003$) e mais passível de controlo externo (dif. = 1.1641, $p = .006$) quando comparado com os seus colegas mais experientes (grupo E). De assinalar que, também na dimensão referente ao controlo externo, existem diferenças significativas entre o grupo intermédio (M) e o mais experiente (E), com o primeiro a aduzir maior controlo externo que o segundo (dif. = 2.3393, $p = .019$) na explicação dos seus sucessos.

Já no que concerne às situações de insucesso, as diferenças não se revelaram tão vincadas, havendo apenas a salientar a mesma tendência verificada nos resultados positivos no que às dimensões de locus de causalidade e controlo externo diz respeito.

Isto é, o grupo de atletas com menos tempo de prática desportiva federada classifica as causas dos seus resultados negativos de forma significativamente menos interna (dif. = -3.6927, $p = .003$) que os seus colegas com maior prática (grupo E). Por seu turno, este último grupo (E) diferencia-se significativamente do grupo intermédio (M) ao considerar as causas dos seus insucessos passíveis de um menor controlo externo (dif. = -2.5511, $p = .026$).

DISCUSSÃO

As poucas indicações veiculadas na literatura que remetem para a influência da variável idade na auto-percepção de causalidade efectuada pelos

indivíduos não são completamente consistentes de estudo para estudo.

Assim, enquanto alguns investigadores (e.g., Weiss, McAuley, Ebbeck & Wiese, 1990) não encontraram diferenças atribucionais entre atletas de diferentes idades, outros (e.g., Ventura & Sousa, 2003) encontraram-nas apenas numa das dimensões avaliadas, e, ainda um terceiro grupo de autores, em contexto desportivo (e.g., Fonseca, 1993b) e em situação académica (e.g., Faria, 1996), referiram a existência de diferenças significativas ao nível das três dimensões do modelo de Weiner.

Nesta medida, com base nos dados disponíveis hipotizámos que os futebolistas que competiam no escalão etário mais baixo caracterizavam as causas dos seus resultados de forma mais interna, instável e passível de controlo pessoal quando comparados com os seus colegas do escalão sénior.

Com efeito, o que veio a verificar-se não coincide, total ou mesmo parcialmente, com a hipótese que formulámos ou com as indicações dos estudos anteriores. De facto, foram os atletas mais velhos que classificaram as causas dos seus resultados, independentemente de serem positivos ou negativos, de forma mais interna e mais passível de controlo pessoal. Apenas na dimensão referente à estabilidade existiu alguma disparidade entre atletas seniores e juniores nas duas situações avaliadas, isto porque os futebolistas mais velhos caracterizaram os seus melhores resultados de forma mais estável e as piores prestações de modo mais instável quando comparadas as suas opiniões com os jogadores do escalão júnior.

Provavelmente por sabermos que uma causalidade interna e estável, em situações de sucesso, poderá estar associada à experienciação de emoções de confiança e competência por parte dos atletas, ao passo que, nas situações negativas, uma atribuição a factores internos e instáveis poderá gerar expectativas de obtenção de um resultado diferente no futuro, sendo como tal motivadoras de comportamentos orientados para o sucesso, então é perceptível o padrão de respostas dos jogadores seniores já que, por esta via, poderão ser entendidos como mais eficazes os mecanismos de protecção da auto-estima evidenciados pelos futebolistas deste escalão etário.

A linha de raciocínio desenvolvida pelos jogadores dos dois escalões em estudo é ainda reforçada, em nosso entender, pela tendência de resposta nos parâmetros referentes às dimensões não causais *Avaliação do jogo* e *Caracterização do resultado obtido*.

Na realidade, os atletas seniores associaram sempre valores mais elevados do que os juniores no que respeita à nitidez de recordação (apesar de ter decorrido mais tempo sobre os jogos em que ocorreu o resultado recordado, os atletas do escalão sénior referiram recordar de forma mais nítida essas competições), importância, dificuldade do jogo, classificação e satisfação provocada pelos resultados obtidos.

Uma possível explicação para estes resultados assenta no facto dos futebolistas seniores, em teoria por terem um maior vínculo à modalidade, sentirem, por via disso, uma maior responsabilização pelos resultados alcançados, independentemente de serem prestações positivas ou negativas.

Deste modo, e em conformidade com o anteriormente exposto, pensamos que se confirma a possibilidade da idade poder constituir uma variável determinante das atribuições, se bem que a inconsistência dos resultados deste trabalho, em comparação com os de investigações anteriores, recomende a realização de mais estudos acerca da importância desta variável nas atribuições de causalidade efectuadas pelos atletas.

De resto, muito antes de nós, já Biddle (1993) havia sugerido que a aplicação dos princípios do estudo das atribuições a grupos de atletas de diferentes idades parecia evidenciar-se como uma prioridade de investigação da psicologia do desporto nos anos subsequentes.

Por outro lado, já no que concerne ao tempo de prática desportiva federada, os nossos dados parecem fornecer algum suporte à ideia de que, nas situações de sucesso, existe uma relação directamente proporcional entre o nível de experiência dos atletas e a sua percepção de responsabilização pelos resultados que obtêm. Esta noção, consubstanciada no aumento gradual dos valores referentes à dimensão de locus de causalidade, estabilidade e controlo pessoal, embora pareça evidente nas explicações dos resultados positivos, não encontra paralelismo quando a referência passa a ser os resultados de insucesso.

De facto, nesta última vertente apenas a dimensão de locus de causalidade mantém esta tendência de crescimento à medida que aumenta o tempo de prática desportiva o que pode ser indicador, por parte dos atletas mais experientes, de uma possível propensão para se desvincularem, de forma mais ou menos pronunciada, dos maus resultados que obtêm, considerando-os mais instáveis e menos passíveis de controlo pessoal do que os seus sucessos.

Havíamos formulado a hipótese de uma percepção de resultados menos interna, mais estável e menos passível de controlo pessoal à medida que aumentava o tempo de prática federada dos futebolistas, o que efectivamente, como ficou demonstrado, não veio a verificar-se.

Ao consultarmos a literatura atribucional em contexto desportivo encontrámos apenas um estudo no panorama nacional (e.g., Fonseca, 1993b) e outro a nível internacional (e.g., Mark, Mutrie, Brooks & Harris, 1984) que procuraram analisar a relação entre os níveis de experiência dos atletas e as atribuições elaboradas para os resultados que obtiveram.

Ainda assim, estas duas investigações diferem, em grande medida, da que efectuámos, pois, em termos da metodologia utilizada, o trabalho de Mark et al. (1984) considerou como critério em relação ao grau de experiência dos atletas o nível a que estes competiram. Já no que concerne à investigação de Fonseca (1993b) as diferenças em relação à nossa são também consideráveis, pois este autor estudou, simultaneamente, atletas praticantes de diversas modalidades individuais e colectivas (e.g., natação, ginástica e voleibol) ao mesmo tempo que definiu os três grupos a estudar com intervalos de níveis de experiência significativamente inferiores aos utilizados por nós.

Não obstante, os resultados de ambos os estudos (Fonseca, 1993b; Mark et al., 1984) pareceram coincidir ao não serem encontradas diferenças atribucionais em função do nível de experiência dos atletas.

Pelo exposto anteriormente, também no estudo desta variável se reclama a necessidade de se efectuarem mais investigações com o propósito de determinar, com maior rigor, a sua influência no tipo de atribuições efectuadas pelos atletas.

De facto, a pesquisa atribucional em contexto desportivo nacional continua a ser insuficiente, parecendo existir, ainda, muito para investigar no sentido de ampliar o conhecimento científico neste domínio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Biddle, S. (1993). Attribution research and sport psychology. In R. Singer, M. Murphey, & L. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* (pp. 437-463). New York: MacMillan.
- Biddle, S., & Hanrahan, S. (1998). Attributions and attributional style. In J. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 3-19). Morgantown: FIT.

- Biddle, S., Hanrahan, S., & Sellars, C. (2001). Attributions: past, present and future. In R. Singer, H. Hausenblas, & C. Janelle (Eds.), *Handbook of sport psychology* (2nd ed., pp. 444-471). New York: John Wiley & Sons.
- Faria, L. (1996). Desenvolvimento intra individual das atribuições e dimensões causais durante a adolescência. *Psicologia, 11* (2-3), 121-137.
- Fonseca, A. (1993a). Avaliação de atribuições causais no futebol. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira, & A. P. Brito (Eds.), *Actas do VIII Congresso Mundial de Psicologia do Desporto* (pp. 352-355). Lisboa: ISSP, SPPD e FMH.
- Fonseca, A. (1993b). *Percepção de causalidade subjacente aos resultados desportivos*. Dissertação apresentada às provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, não publicada. Porto: Universidade do Porto, FCDEF.
- Fonseca, A. (1995). A influência do sexo no modo como os atletas percebem os seus resultados desportivos. *Psicologia, 10* (1-2), 31-53.
- Fonseca, A. (1996). As atribuições causais em contexto desportivos. In J. Cruz (Ed.), *Manual de psicologia do desporto* (pp. 333-359). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Fonseca, A. (1999). *Atribuições em contextos de actividade física ou desportiva: perspectivas, relações e implicações*. Dissertação de doutoramento, não publicada. Porto: Universidade do Porto.
- Fonseca, A., & Brito, A. P. (2001). *A FCDEF-UP e a psicologia do desporto: as atribuições causais*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.
- Fonseca, A., & Maia, J. (1994). Avaliação das propriedades psicométricas de um instrumento psicológico, a CDSIIp, a partir da abordagem do LISREL. In L. Almeida, & I. Ribeiro (Org.), *Avaliação psicológica: formas e contextos* (Vol. 2, pp. 35-42). Braga: APPORT.
- Fonseca, A., & Maia, J. (1995). Escala de dimensões causais II (CDSIIp). In L. Almeida, M. Simões, & M. Gonçalves (Eds.), *Provas psicológicas em Portugal* (Vol. 1, pp. 103-124). Braga: APPORT.
- Forsterling, F. (1988). *Attribution theory in clinical psychology*. Chichester, Sussex: Wiley.
- Guallar, A., Balaguer, I., & Garcia-Merita, M. (1993). A review of the theoretical basis in the study of attribution in sport. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira, & A. P. Brito (Eds.), *Actas do VIII Congresso Mundial de Psicologia do Desporto* (pp. 840-846). Lisboa: ISSP, SPPD e FMH.
- Kelley, H. (1967). Attribution theory in social psychology. In D. Levine (Ed.), *Nebraska symposium on Motivation* (Vol. 15, pp. 192-238). Lincoln: University of Nebraska.
- Lau, R., & Russell, D. (1980). Attributions in the sports pages. *Journal of Personality and Social Psychology, 39*, 29-38.
- Mark, M., Mutrie, N., Brooks, D., & Harris, D. (1984). Causal attributions of winners and losers in individual competitive sports: toward a reformulation of the self-serving bias. *Journal of Sport Psychology, 6*, 184-196.
- Mc. Auley, E., Duncan, T., & Russell, D. (1992). Measuring causal attributions: the revised causal dimension scale II (CDSII). *Personality and Social Psychology Bulletin, 18*, 566-573.
- Orbach, I., Singer, R., & Murphey, M. (1997). Changing attributions with an attribution training technique related to basketball dribbling. *The Sport Psychologist, 11*, 294-304.
- Russell, D. (1982). The causal dimension scale: a measure of how individuals perceive causes. *Journal of Personality and Social Psychology, 42* (6), 1137-1145.
- Si, G., Rethorst, S., & Willimczik, K. (1993). Causal attribution perception in sport achievement situation. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira, & A. P. Brito (Eds.), *Actas do VIII Congresso Mundial de Psicologia do Desporto*. Lisboa: ISSP, SPPD e FMH.
- Sousa, E. S. (1987). *Attribution in the social context: a conceptual analysis*. Dissertação de doutoramento, não publicada. Louvain: Université Catholique de Louvain.
- Sousa, E. S. (1996). Atribuição: da inferência à estratégia de comportamento. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia social* (2.ª ed., pp. 141-165). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sousa, E. S., Cunha, M., & Ribeiro, R. (1992). Expectativas e padrões de atribuição num processo de selecção. *Análise Psicológica, 10* (3), 379-389.
- Ventura, J. P., & Sousa, P. J. (2003). Da percepção de causalidade em contexto desportivo. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, 7* (2), 83-113.
- Weiner, B. (1972). *Theories of motivation*. Chicago: Rand Mc Nally.
- Weiner, B. (1979). A theory of motivation for some classroom experiences. *Journal of Educational Psychology, 71* (1), 3-25.
- Weiner, B. (1986). *An attributional theory of motivation and emotion*. New York: Springer Verlag.
- Weiss, M. R., McAuley, E., Ebbeck, V., & Wiese, D. M. (1990). Self-esteem and causal attributions for children's physical and social competence in sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 12*, 21-36.

RESUMO

Analisando uma amostra constituída por 192 futebolistas, este estudo pretendeu avaliar a influência das variáveis independentes referentes ao escalão etário (juniores vs. seniores) e tempo de prática desportiva federada (≤ 5 anos; 6 a 10 anos; ≥ 11 anos) nas atribuições de causalidade efectuadas pelos atletas para explicarem os resultados mais importantes das suas carreiras desportivas.

Baseando-nos no modelo atribucional da motivação e emoção de Weiner (1979, 1986), que explica a percepção

de causalidade ao longo das dimensões de locus de causalidade, estabilidade e controlabilidade, encontramos resultados que permitem evidenciar que os jogadores de diferentes escalões etários e com tempos de prática desportiva diferenciados, não se assemelham na forma como percebem os seus resultados, independentemente destes ocorrerem em situações de sucesso ou insucesso desportivo.

Palavras-chave: Atribuições causais, sucesso e insucesso desportivo, modelo atribucional de Weiner.

ABSTRACT

Analyzing a sample of 192 football players, this study

intend to evaluate the influence of the independent variables, ages groups (juniors/seniors) and associated practice time (≤ 5 years; 6 to 10 years; ≥ 11 years), in the causal attributions made by the athletes to explain their best sport results of ever.

Based in the Weiner's Attributional model (1979, 1986), who explains the causal perceptions throughout the dimensions of locus of causality, stability and controllability. We find results that allow to evidence that, different players from different ages with different practice time, don't have similarity in the form that they perceive their sports results, independent of being successful or failure sport situations.

Key words: Causal attributions, sport success and failure, Weiner's attributional model.